

A MORTE COMO PASSAGEM DA ALMA PARA O HADES

Maurício Luís Zagonel
Orientador: Prof. Giovanni Vella

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o significado do Hades a partir do diálogo platônico “Fédon” e relacioná-lo com o pensamento do psicólogo James Hillman, fazendo correlações de forma que fique aprofundada a concepção platônica apresentada no diálogo do mundo de Hades. Este estudo também levará em conta o desenrolar do significado de morte para ambos e como este acontecimento, torna-se decisivo para se entrar no reino dos mortos. Este caminho será percorrido na procura de abordar, em particular, a visão platônica da morte vista como libertação da alma do corpo para se adentrar no Hades.

Palavras-chave: Morte, Hades, Alma, Sonho, libertação.

INTRODUÇÃO

Durante toda a história da filosofia, houve grande incógnita em relação ao tema morte, por ser um acontecimento que não apresenta uma definição exata.

No decorrer dos séculos diversos autores dedicaram alguns anos de sua vida a refletir sobre este fenômeno, porém, quando se adentrava neste campo místico descobriram que não se trata somente da morte em si e por si, mas sim de um conjunto de acontecimentos que permeiam e invadem esta particular experiência humana.

Ao abordar esse assunto precisamos levantar algumas perguntas presentes no famoso diálogo platônico: o que acontecerá com a alma com a ocorrência da separação do corpo? Qual é o caminho que esta alma irá percorrer até chegar à sua morada no Hades? O presente artigo procura apresentar às indagações que os autores fazem sobre este caminho da alma.

1. QUESTÃO ÉTICA DA MORTE

O diálogo Fédon apresenta o relato do último dia de vida de Sócrates na prisão de Atenas, e a conversa que ele tivera com seus amigos antes da sua morte, e retrata nesta busca do saber desvelar qual é a verdadeira missão do filósofo perante a vida e a morte. Um dos pontos chave para se compreender a leitura desta obra é a palavra “diálogo” onde Platão configura todo o ato de geração de conhecimento e virtude que está por trás da multiplicidade de sentimentos surgidos perante a morte do amigo.

A obra do Fédon retrata portanto os sentidos vitais da imortalidade da alma numa conversa dramática entre amigos e como se deve proceder para alcançar a sua plenitude, ou seja, o estado do verdadeiro conhecimento. Segundo o estudioso Giovanni Casertano “[...]a alma é um dos dois elementos que compõem o ser humano, naturalmente, o outro é o corpo; cada ser humano é uma junção de alma e corpo e é a sua união que o constitui como tal: «uma parte de nós é corpo e a outra é alma”. (CASERTANO, 2016, p. 142). Nesta visão de uma união entre alma e corpo, para Platão a alma está em seu cárcere e só terá a sua libertação no momento em que ocorrerá a morte do corpo, libertando a alma para que - se ela bem viveu sua vida filosófica - encontre a sua plena perfeição chegando na casa do Senhor dos mortos, isto é, Hades.

Tendo em vista que a morte é o evento que provoca a separação de corpo e de alma, cabe aqui uma interpretação metafórica que segundo Casertano (2016, p.142) a morte por prático se apresenta como uma dissolução total do ser humano. Todavia, sempre segundo a crítica de Casertano:

[...]Enquanto a alma estiver unida ao corpo, na busca da verdade, não poderemos conhecer nada na sua pureza (66d8: καθαρῶς; 66e5: καθαρῶς γινῶναι). Adquire -se o saber (66e6: τὸ εἰδέναι), portanto, só quando morremos, o que significa, no significado metafórico do termo morte, quando a alma investiga sozinha a verdade sem o envolvimento da sensibilidade.” (CASERTANO, 2016, p.143)

Contudo é necessário identificar uma mescla entre o sentido epistemológico e o mítico, que indicam e dão pressupostos à compreensão de uma existência imortal da alma na sua relação com aquilo que vem, por consequência, após o evento da morte.

Outro ponto de fundamental importância é o da visibilidade da alma e do corpo. Casertano no-lo apresenta da seguinte maneira:

[...]a coisa estranha é que agora, transferindo este raciocínio para a distinção entre corpo e alma, não se diz que a alma é invisível e o corpo não o é, mas sim que o corpo é «mais semelhante e congênere» (79b4 -5: ὁμοίωτερον, συγγενέστερον) ao visível, enquanto que a alma é «mais semelhante (79b16: ὁμοίωτερον) do que o corpo» ao invisível. (CASERTANO, 2016, p.145)

O que de fato o professor Giovanni Carsetano quer nos mostrar é que, segundo a concepção platônica, a alma se aproxima de maneira mais acentuada a relação do invisível, ou seja, aquilo que está para além da nossa imaginação, encontrando-se no mundo das ideias, enquanto o corpo é mais visível, pois se apresenta de forma “concreta” aos nossos sentidos, ficando no mundo material. Porém, embora as suas manifestações ocorram de formas diferentes, não quer se dizer que ambos estão separados, mas sim que, na particularidade de suas manifestações, formam o todo que se identifica como homem, na sua junção entre alma e corpo. Explica ainda Casertano:

[...]a alma não é o invisível, mas é semelhante ao invisível, o corpo não o visível, mas é semelhante ao visível; e em segundo lugar, uma relatividade: em relação ao corpo a alma é mais semelhante ao invisível, em relação à alma o corpo é mais semelhante ao visível. Mas isto implicaria, logicamente, uma certa visibilidade da alma, claramente inferior à do corpo, e uma certa invisibilidade do corpo, certamente inferior à da alma”. (CASERTANO, 2016, p. 146)

Embora o corpo seja semelhante ao visível e alma ao invisível, não significa que, em linhas de importância, a visibilidade seja superior à invisibilidade, pelo simples fato de que a alma é a regente de todo o sistema corpóreo, pois um corpo sem alma está morto, enquanto alma sem corpo permanece viva. Isto representa a superioridade que a alma possui em relação ao corpo tornando-a, mesmo no cárcere, independente para suas manifestações. Deste modo pode-se apresentar uma decomposição entre os entes que são animados como Giovanni Casertano (2016, p. 145) nos apresenta:

[...]dentre os dois tipos de entes, se decompõe e se disperde e em seguida a que tipo de entes pertence a alma: o que é composto decompõe -se, o que não é composto não se decompõe: (78b -c); é, pois, “muito verosímil” (78c7) que os entes que se acham sempre no mesmo estado são os não compostos.

Por este motivo a obra do Fédon é muito mais que um simples diálogo: esta obra vem nos apresentar um estado “ético, no sentido que desenha de forma poderosa e sugestiva o modo como deveria agir o homem que quer ser sábio e justo nesta vida e, por conseguinte, também no momento supremo da vida, o que a completa e a encerra, isto é, a morte”. (CASERTANO, 2016, p. 141 -142)

2. QUESTÃO FILOSÓFICA

2.1 MORTE

A palavra morte tem origem da língua grega *thánatos* (θάνατος). Significa cessar de viver, e pode ser compreendida como uma “prolongação” da vida presente. O homem pode atingi-la pela sua plena libertação do mundo terreno, ou seja, o evento da morte:

“[...]é a separação da alma do corpo, e que o estado que corresponde a estar morto é aquele no qual o corpo está separado da alma e existe sozinho por si mesmo, enquanto a alma está separada do corpo e existe sozinha por si mesma? É a morte algo distinto disso?”. (FÉDON 64 c)

Para que se possa compreender o que de fato significa morte, Platão apresenta o evento de separação de corpo e alma, como algo definitivo. Para o filósofo esta separação indica o estado de existência que, tanto o corpo como a alma, irão percorrer, buscando em “campos” distintos a sua plena realização.

A história da humanidade nos mostra que por mais antigo que seja este fenômeno, ele ainda não adquiriu um grau de concretude, pois para muitos é considerado graça, enquanto para outros é a mais profunda e cruel desgraça que a vida de um ser humano possa enfrentar.

Na história da filosofia, percebemos que o ser humano está para além de suas manifestações, de modo que em vida ele busca compreender o que virá após. Quando o homem é colocado perante a morte o que ocorre com ele é uma duplicidade de

sentimentos, os mesmos sentimentos que se passaram na alma de Fédon perante a morte de Sócrates.

No que diz respeito a mim, experimentei emoções estranhas estando ali naquela ocasião. De fato, não fui tomado pelo sentimento de pena, como naturalmente poderia acontecer presenciando a morte de um amigo, uma vez que o homem, me parecia, Equécrates, estar feliz: nos seus modos e em seu discurso enfrentava a morte com destemor e nobreza, o que me levou a pensar que mesmo descendo ao Hades não estava fazendo sem a proteção dos deuses, e que se daria bem quando ali chega-se, se é que alguém alguma vez se deu bem. Isso explicou porque não experimentei, de modo algum, qualquer sentimento de pena, como teria parecido presenciava uma cena plangente, tampouco, por outro lado, experimentava prazer por nos ocuparmos de filosofia, como nos era habitual – já que nossos discursos eram dessa natureza naquele ensejo. Senti-me presa de uma emoção estranha, uma mistura inusitada de prazer e dor ante a ideia de que ele estava na iminência de morrer. (*FÉDON*, 58 e – 59 a)

Neste relato apresentado logo no início do diálogo platônico, identifica-se na fala de Fédon, o momento onde todos se colocavam em torno de Sócrates para estar presente com ele na hora derradeira de sua morte. A normalidade dos sentimentos diante de tal momento seria o sentimento de pena, porém, não é aquilo que se percebe na presente narrativa devido ao fato de que Sócrates se encontrava feliz, e em seus discursos enfrentava a morte com destemor e nobreza, pois o mesmo descendo a casa de Hades, não faria esta passagem sem a proteção dos deuses, e quando lá chegar iria se dar bem em vista de sua boa virtude.

Percebe-se neste fragmento a mescla de sentimentos que ocorre diante deste fato, Fédon aponta uma mistura entre prazer e dor. O primeiro gerado pelo fato de ocupar-se da filosofia e o segundo por ter a eminência da morte do amigo, perdendo não somente a amizade, mas também, o grande parceiro das ideias de seu tempo.

O que instiga é esta mistura de sentimentos entre o prazer e a dor, misturando o riso e o pranto ao mesmo tempo. A grande incógnita é: como é possível que ambos existam simultaneamente? E é aquilo que o próprio Sócrates fala na continuidade do diálogo:

Que coisa estranha, homens, parece que aquilo que os seres humanos chamam de prazer, e quão admirável está relacionado com aquilo que considera ser seu oposto, a dor! Não é possível que um ser humano os experimente simultaneamente e, no entanto, se busca um e o apanha, é geralmente obrigado a apanhar também o outro, como se ambos estivessem unidos num único topo. (*FÉDON*, 60b -60c)

Sócrates nos apresenta que o sentimento que se chama prazer, é considerado por ele de forma estranha, pelo fato de sua ligação com o seu oposto que é a dor. Afirma que é impossível concebermos de tal modo os dois sentimentos ao mesmo tempo, porém, quando alcançamos o prazer, por obrigatoriedade acompanha também a dor, de forma que podemos perceber suas presenças invisíveis e intrínsecas entre si. A união entre dor e prazer gera um estado de plena euforia e desconhecimento dos sentimentos que se possui, pois a mescla que ocorre entre o riso e o pranto, nada mais é do que o desvendar da plenitude e sensibilidade da alma para com as condições corpóreas. Segundo o professor Giovanni Casertano esta mescla entre

[...] prazer e dor são como “pregos” que fixam a alma e a subjugam ao corpo, e quando a alma sente prazer e dor excessivos pensa que aquilo que sente é precisamente o que é mais verdadeiro. Tudo isto é a morte como metáfora, é o “cuidado da morte” que o filósofo experimenta em vida, é o “exercitar-se na morte”, que outra coisa não é senão o “filosofar corretamente”. (CASERTANO, 2016, p.147)

Aqui de fato torna-se claro que a visão platônica do exercitar a morrer é a maneira correta de penetrar no conhecimento filosófico. É libertar-se de todo e qualquer preconceito, sentindo de fato o amor e a dor em comunhão, por descobrir as portas para o verdadeiro conhecimento. Assim só o sábio se tornará feliz com a morte enquanto o tolo irá se entristecer com ela, pois, o verdadeiro conhecimento só cabe ao autêntico amante da sabedoria, e ao inapto cabe contentar-se com a vida mesquinha que levam.

“Mas, como afirmamos, são exclusivamente aqueles que cultivam corretamente a filosofia que se mantem maximamente desejosos de libertar a alma, restringindo-se a isso, a saber, à libertação e separação da alma do corpo o exercício prático de estudo que os preocupa?”. (FÉDON, 67 d)

Aqui Platão faz um questionamento sobre o exercício correto da filosofia, indagando por qual das duas vias aquele que exercer a busca pelo saber se inclina. A primeira diz respeito ao verdadeiro amor, a busca incessante e cada vez mais profunda pelos enigmas que só a filosofia é capaz de desvendar. E segundo por uma via de precaução, para que no fim das contas possa estar em bom lugar na casa do senhor dos

mortos, vivendo em conjunto com aqueles que também souberam bem viver suas vidas. Se optarmos pelo primeiro caminho, a recompensa que se terá é a de primeiro conhecer a fundo e verdadeiramente a filosofia e segundo com a morte adentrar na casa de Hades como recompensa da vida que fora exercida. Já o segundo não nos leva a lugar algum, pelo simples fato de buscarmos o conhecimento por mero interesse do que poderá acontecer na separação da alma e do corpo. Se acreditarmos que de fato existe o verdadeiro local da glória para aqueles que bem viveram suas vidas, ganharemos tudo. Porém, se não acreditarmos e não existir, não perderemos absolutamente nada.

Outra conotação da casa de Hades é o local de encontro dos homens bons, onde todos aqueles que bem souberam viver suas vidas se encontraram para desfrutar da beatitude que exerceram em vida, além de caminharem para os *“deuses que são bons senhores”*. (FÉDON 63 c)

Como visto acima a morte é um caminho que pode levar a três destinos, basta que saibamos viver de forma coerente, buscado não um fim último, mas sim um bem presente que, por consequência, nos levará ao prêmio eterno que será revelado após a separação de corpo e alma, ou seja, a morte.

O verdadeiro sentido da vida só é encontrado quando o homem encontra a sua primazia, de forma que seja impossível abdicar da condição de vivente por seus próprios interesses. Esta libertação vem aos poucos para que possa verdadeiramente compreender este fenômeno,

mas talvez te espante que exclusivamente isso, em meio a todas as coisas, não admita exceções, não sucedendo jamais à humanidade, como ocorre com referência a outras matérias, de somente em certas ocasiões e para certas pessoas ser melhor morrer do que viver; e talvez te parecerá espantoso que esses seres humanos para os quais é melhor morrer não possam, sem incorrer em impiedade, fazer o bem a si mesmos, tendo que aguardar por algum outro benfeitor. (FÉDON, 62 a)

O benefício quando ocasionado para o próprio bem é considerado impiedade, pois, abdicar da morte é, em certo ponto, fugir dos conflitos oriundos entre corpo e alma. Quando se fala de uma certa *“espécie de cárcere e que não devemos nos libertar ou fugir, a mim parece de grande peso e de difícil compreensão”* (FÉDON, 62 b), pois de

fato não há como liberta-se desta prisão a não ser pela condição natural que vem a ocorrer durante o percurso da vida, e qualquer outro caminho a ser tomado provoca indagações e grande peso que gera um desconforto ou frustração por não cumprir o itinerário prescrito.

Platão, ainda no diálogo, põe na boca de Sócrates a explicação do comportamento daqueles que se apresentam diante da morte, tendo passado toda a sua vida em busca desta sabedoria dizendo que: *“aqueles que se devotam à atividade filosófica corretamente limitam-se a estudar o morrer e o estar morto”*. (FÉDON, 64 a) Logo o filósofo é aquele que está entre os dois lados do abismo, toca ainda em vida a morte, pois o ato sublime do filosofar nada mais é do que o desprendimento de todo o preconceito, formulando assim um caminho de encontro para o conhecimento, ou como Anticleia, mãe de Ulisses, quando em vão quer segurar sua cobra entre os braços, esclarece:

Eis a lei para todos quando a morte nos surpreende: os nervos, a carne, nem os ossos sustentam-se mais; tudo cede à energia da brilhante chama; desde que a alma abandonou a ossada esbranquiçada, a sombra libera-se e escapa como um sonho. (Odisseia, XI,218-222)

A mitologia grega apresenta a vida após a morte como a “necrópole” que é a cidade dos mortos, apresentando esta cidade como um local afastado, onde mortos e vivos são separados por um grande muro. Luise Brit Zaidman (2010, p.138), diz que esta separação entre os vivos e os mortos ocorre da mesma forma, seja pelo sepultamento ou pela incineração do corpo. Outro fato distinto é que, segundo o autor, podemos ainda identificar a classe social do morto, pelas oferendas que se encontram ao lado de suas tumbas. Fato interessante a ser olhado ao tocar no nome do local onde colocar os corpos dos mortos, é conhecer o significado da estrela que lá se apresenta e Zaidman diz que:

A estrela erguida sobre as tumbas no fim do século V e no século IV, na Ática, leva o nome do defunto frequentemente acompanhado de uma inscrição, ou mesmo de uma cena que informa as qualidades do defunto, conservadas pela tradição familiar e cívica. Perpetuação da memória do morto, a estrela marca o limite que separa o mundo dos vivos e dos mortos. (ZAIMAN, 2010, p.138)

Marcando a estrela a separação entre vivos e mortos, nota-se que a tradição grega se alicerça entre uma forma ritualística de preservar, mesmo após a morte do ente querido, a sua memória entre o povo, e segundo os relatos mitológicos dizem que:

Em Atenas, parece haver uma festa consagrada à memória dos mortos em geral, festa mista, celebrada ao mesmo tempo pela cidade e pelas famílias no dia 5 do mês Boedromion; trata-se das Genésia. Festa funerária anual, era a ocasião em que os filhos realizavam os rituais familiares dedicados ao pai morto, e era conhecida por todos os gregos (Heródoto IV, 26). (ZAIDMAN, 2010, p.139)

Além desta festa em memória aos defuntos, há outra grande festa na tradição grega que é a festa das Marmitas, ou seja, a relação que vivos mantinham com os mortos, porém, nesta festa, diferente das “Genésia”, ela se apresenta não mais como familiar, mas sim comunitária, sendo deste modo um dia onde os espíritos dos mortos voltam a terra ficando juntos dos vivos, e os vivos para se proteger desta impureza que segundo Zaidman (2010, p. 139)

“untam as portas com piche, fechando os templos. Nesse dia, oferece-se a Hermes Quitoniano – também chamado Psicopompo (o que acompanha os mortos e as almas: Psykahi, em sua última viagem) – um mingau de grãos cozidos em uma marmita, de onde vem o nome da festa (krutros: marmita)”. (p.139)

Da mesma forma que a *“morte separa os mortos dos vivos, ela é o que separa radicalmente os homens dos deuses. Basta lembrar que o nome “Imortal” é sinônimo de deus, como “mortal” é sinônimo de humano”*. (ZAIDMAN, 2010, p.140) Este caminho que se apresenta entre a vida e a morte é um vácuo imenso onde predomina a obscuridade, fazendo com que jamais se veja a luz do sol que é sinônimo de vida, não só pela claridade, como também pelo calor.

2.2 HADES

Quando de fato houver a separação entre corpo e alma, eis que a alma caminhará rumo ao palácio de Hades, onde a sua memória, terá a grande tarefa de se recordar que...

Ao entrar nas vastas salas do Hades, há uma fonte à direita;
Ao lado há um, cipreste branco;
quando chegar lá, as almas dos mortos têm frio.

Não vá para perto dessa fonte.
Mas em sua frente encontrarás a água fria que corre do lago da memória.
Acima há guardiães.
Certamente te perguntarão (com seus milhares de pensamentos)
por que procuras a obscuridade do (sombrio) Hades.
Diz: “Sou o filho da Terra e do Céu estrelado, morro de sede e pereço.
Mas dê-me logo água fria do lago da Memória”.
E, primeiro, te darão a beber do lago da Memória.
E, ainda mais, quando tiverdes bebido, viajaras em uma estrada,
uma estrada sagrada que outros reputados *mystes* e outras bacantes percorrem.
(ZAIMAN, 2010, p.160 -161)

E quando a morte chegar eis que adentraremos a casa do senhor dos mortos, onde encontraremos, segundo o texto platônico Fédon, aqueles que bem souberam viver suas vidas. Ao entrar na mansão dos mortos, temos que recordar-nos daquilo que Zaidaman pontua em sua descrição da tarefa da memória perante a morte. Para ele, necessitamos recordar dos procedimentos que devem ser feitos para que entremos com todo o triunfo no reino dos mortos.

Segundo a narrativa mitológica, no Hades as almas sentem frio e são convidadas a não se aproximarem da fonte onde as demais sentem frio, mas devem pedir de beber das águas geladas da memória. Após implorar pela água da memória, será percorrido uma estrada na qual muitos daqueles que bem souberam viver passaram. E aqui de fato irás caminhar ao encontro dos bem-aventurados e encontrarás o verdadeiro prazer que se desvela no encontro real e definitivo com o saber.

Platão aqui evoca que a morte é um evento esperado por todo homem, para de fato se encontrar com todos aqueles que lhe fizeram falta. Muitos são movidos pela esperança de encontrar suas esposas, seus filhos e amigos para com eles estar em companhia definitiva. E eis que muitos se regozijam em morrer enquanto outros se agoniam, porém aquele que encontrará o verdadeiro êxito de sua conquista na casa de Hades, é aquele que parte sabendo que lá de fato se encontrará o pleno saber, ou seja, a verdadeira pureza e realização do mundo que se revela e se completa no reino dos mortos.

“Por ocasião da morte de favoritos, esposas ou filhos, muitos homens quiseram ir para o Hades movidos pela esperança de ali ver aqueles de quem sentiam falta, e estar em sua companhia. E ao morrer se angustiara, ao invés de se regozijar com a perspectiva de partir para o mundo dos mortos, aquele que está

realmente enamorado do saber e que crê firmemente que só pode encontra-lo no mundo dos mortos? É inconcebível que pensemos isso, meu amigo, caso seja esse homem realmente um filósofo, pois ele estará firmemente convencido de que só encontrará o puro saber no mundo dos mortos. E se assim for, não será completamente ilógico para esse homem temer a morte?”. (FÉDON, 68 a 69 b)

Outro ponto chave para podermos compreender o Hades, é observarmos a dupla perspectiva na qual ele se apresenta, sendo a primeira um estado no qual não se tem pureza espiritual que *chafurdará na lama* e o segundo como o estado de purificação que *terá sua morada com os deuses*.

“Suponho que aqueles que estabeleceram os ritos de iniciação não eram indivíduos destituídos de esclarecimento, mas na realidade se expressaram com um significado oculto quando disseram há muito tempo que todo aquele que se dirige ao Hades não iniciado e sem pureza espiritual *chafurdará na lama*, enquanto aquele que lá iniciado e purificado *terá sua morada com os deuses*”. (FÉDON, 69 c)

O Hades é uma duplicidade de espaços, sendo em primeira instância o *chafurdar na lama*, ou seja, um estado onde as almas não estão devidamente purificadas, que não tem palavras que possam descrevê-la, pois esta experiência é sempre um borbulhar que não nos permite apresentá-la com palavras. E a outra face do reino de Hades é o estado de purificação, onde se viverá com os deuses, significando o seu bem viver.

O reino de Hades é um reino de sóbria tristeza onde as almas permanecem no total esquecimento sem que haja possibilidades de sair de sua casa. Como destaca Hillman outro ponto a ser avaliado naquilo em que se diz respeito a casa do senhor dos mortos é que Hades não é o deus da morte, mas sim do pós-morte, pois a ele cabe o cuidado das almas, quando estas sanam de viver. De fato a *“Morte é o único Deus que não ama oferendas e não se importa com sacrifícios ou libações, que não tem altar e nem hino”*. (HILLMAN, 2013, p.53-54)

Seguindo o pensamento de Heráclito de Éfeso *“quando os homens morrem, o que os aguarda não é nem o que esperavam, nem mesmo o que imaginavam”* (HILLMAN, 2013, p.75). Portanto os mistérios a serem encontrados na casa de Hades, não são decifráveis por nossas capacidades no tempo presente, mas uma surpresa quando lá adentrarmos pois como Hillman (2013, p. 54), nos diz: *“Hades não é uma ausência, mas uma presença secreta – mesmo uma inteireza invisível”*.

3. QUESTÃO PSICOLÓGICA

Sendo Hades um local psicológico, devemos lembrar o que nos fala a mitologia e a psicologia. Nele não há tempo cronológico, pois não há decadência, progresso e nenhum tipo de mudança. Pelo simples fato de que o tempo não tem a ver com a morte e sim com a vida, só podemos considerá-lo como local cronológico se deixar de considerar o mundo das trevas como “pós”- vida, considerando-o como ideias posteriores dentro da vida, onde *“a casa de Hades é um reino psicológico agora, não um reino escatológico depois”*. (HILLMAN, 2013, p.56)

Sendo um local presente no aqui e no agora, ele só pode ser acessado por intermédio da psique, e esta fará com que a alma encontre figuras do mundo psíquico fazendo que o mundo das trevas seja o estilo mitológico de descrever um cosmo psicológico. Portanto, quando se conta *“a historinha para dormir básica de nossa cultura é que dormir é sonhar, e sonhar é entrar na Casa do Senhor dos Mortos, onde nos esperam nossos complexos. Não entramos suavemente nessa boa noite”*. (HILLMAN, 2013p.62)

Deverás adentrar na casa de Hades no plano psicológico é em primeira instância um assombro para nossas lembranças, pois como Hillman afirma no fragmento acima, sonhar é ter contato com os nossos complexos, ou seja, é ter de fato um contato com a nossa própria morte no tempo presente quando ainda nos encontramos em vida. Por isso dormir é vivenciar a cada dia a nossa experiência com a nossa própria morte.

Ao situar o sonho entre essas essências fundamentais impalpável do Hades começaremos a enxergar que os sonhos refletem um submundo de essências, em vez de um subsolo de raízes e sementes. Eles nos apresentam imagens do ser, não do tornar-se. (HILLMAN, 2013, p.71)

Quando Hillman aponta que a essência dos sonhos passa a não ser palpável, remete-nos a casa de Hades, onde mergulha-se no submundo, descobrindo todas as essências e raízes das sementes que lançamos ao longo de nossa vida, entrando assim em contato com as imagens do ser enquanto ser, não do tornar-se ser.

[...] Quando Freud disse que o arquiteto dos sonhos é *Eros*, porque os sonhos, ao preencherem impulsos eróticos, também protegem o sono, ele estava de novo imaginando *Eros*, como parte dos filhos da noite, assim como fez Cícero. Ao

seguirmos essa noção de *Eros*, ele é então irmão da morte e não o princípio que nos salvará dela. (p.61).

Quando observamos a colocação de Freud sobre o arquiteto dos sonhos, o próprio *Eros*, tem se claro que a visão engendrada nesta suposição é de que o próprio *Eros*, é um irmão, ou seja, um caminho que nos conduz a morte e não que nos salvará dela, pois até mesmo quando temos nossos impulso eróticos de alguma forma, estamos nos deliciando com o aguçar prazeroso que a morte nos proporciona dentro do complexo vital de nossa existência.

Se olharmos essas questões de frente, claro que saberemos para onde nosso processo de individualização esta indo – para a morte. Esse objetivo incognoscível é o único evento absolutamente certo na condição humana. Hades é aquele que não se vê, mas ainda assim esta absolutamente presente. (HILLMAN, 2013, p.57)

De fato quando olhamos tudo aquilo que está à nossa volta, com o foco centrado para o horizonte que se almeja alcançar, saberemos sem sobra de dúvida, que caminhamos para um processo de individualização, ou seja, caminhamos para o evento onde alma e corpo se separarão, ou seja, a morte. Caminhamos para a casa daquele que mesmo estando presente é capaz de não ser visto, pois sua presença em nossas vidas é de forma ausente ao tempo e ao espaço, mas encontrado na vastidão de nossos sonhos.

Entrar no mundo das trevas refere-se a uma transição do ponto de vista material para o ponto de vista psíquico. Três dimensões tornam-se duas às medidas que a perspectiva da natureza, da carne e da matéria desaparece, deixando uma existência de imagens imateriais, espelhados: eidola. (HILLMAN, 2013, p.88)

Como já afirmado, entrar na escuridão de nossa existência é descobrir o ponto que abre os caminhos daquilo que é material, transpondo nossa alma para a esfera psicológica, onde iremos, como nos fala Platão, desfrutar o mundo de uma existência de imagens puras que não podem ser tocadas e sim copiadas para o nosso tempo e espaço.

Se o mundo dos mortos é algo no aqui e no agora, podemos transpor a nossa existência para algum lugar, afim de que o término dela não se encontre mais no tempo, mas na morte, *“onde morte significa o Telos ou a completude de qualquer coisa, ou*

podemos parar em qualquer lugar, porque do ponto de vista final tudo é um fim em si mesmo. O alvo é sempre agora". (HILLMAN, 2013, p.58)

Conseqüentemente, o que sabemos da vida pode não ser relevante para aquilo que encontraremos nas profundezas do reino dos mortos. O que realmente se sabe é a importância pela qual levantamos para com aquilo que fizemos de relevante ou não em nossa vida. Tudo aquilo que é supérfluo, não tem a mínima importância para o reino dos mortos, pois, no reino dos mortos necessitaremos nos ajustar à casa que nos será concedida e lá tudo o que está coberto será desnudado para que o resto de nossa existência possa ter uma conduta de retidão sem exageros. Estamos então, para além daquilo das condições de sabedoria ou de experiência de vida, pois a casa de Hades é o que se desvela a cada dia dentro de nosso imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HILLMAN, JAMES. O SONHO E O MUNDO DAS TREVAS/ JAMES HILLMAN; TRADUÇÃO GUSTAVO BARCELLOS – VOZES, PETRÓPOLIS, RJ, 2013.

ZAIMAN, LOUISE BRUIT. OS GREGOS E SEUS DEUSES: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS DA CIDADE E DA ÉPOCA CLÁSSICA. LOYOLA, SÃO PAULO - SP, 2010.

PLATÃO. DIÁLOGOS III –FEDRO, EUTÍFRON, APOLOGIA DE SÓCRATES, CRÍTON, FÉDOM. PLATÃO; TRADUÇÃO EDSON BINI – EDIPRO, 2º ED, SÃO PAULO – SP, 2015

Alma, morte e imortalidade. Casertano, Giovanni L. (2016). Alma, morte e imortalidade. Archai, n. 17, may - aug., p. 137 -157. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_17_6.
Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina